

Tendências da televisão portuguesa na nova era da concorrência

NELSON TRAUQUINA
(*Universidade Nova de Lisboa*)

Resumo

Estudo comparativo da programação de dois anos dos quatro canais de televisão portugueses - dois públicos e dois privados -, identificando as principais tendências das emissoras na nova era da concorrência instalada em Portugal a partir da desregulamentação do setor.

Palavras-chave: televisão portuguesa, estudo comparativo, programação televisiva

Resumen

Estudio comparativo de la programación de dos años de los cuatro canales de la televisión portuguesa - dos públicos y dos privados-, identificando las principales tendencias de las emisoras en la nueva era de concurrencia instalada en Portugal a partir de la desregulamentación del sector.

Palabras-clave: televisión portuguesa, estudio comparativo, programación televisiva

Abstract

A comparative programming study of two years of the four Portuguese television channels - two public and two private -, by identifying agencies main tendencies in the new age of concurrence which has been set in Portugal thank's to the non regulation process of the sector.

Keywords: portuguese television, comparative study, television programming

Poucas mudanças na história do homem igualam o desenvolvimento dos media na sua capacidade de transformar culturas, moldar a política e influenciar o desenvolvimento dos acontecimentos no mundo. A revolução mediática deste fim de século está no centro do surgimento da comunicação como a nova ideologia do nosso tempo. Catapultou os jornalistas para o centro de múltiplos "enjeus" porque os transformou em importantes, talvez decisivos, "powerbrokers" nas sociedades modernas. A massmediatização das sociedades, com os fenómenos de omnipresença, globalização e instantaneidade, cada vez mais possibilitados pelos avançados tecnológicos - os satélites, a informática, as auto-estradas de informação, etc. - e a hegemonia da imagem, com a regência da Rainha chamada televisão, são múltiplas facetas desta temática apaixonante. Como escreve o jornalista francês Alain WOODROW (1991:119): "Tomados no seu conjunto, os media, escritos, falados e televisivos, parecem ter acedido à categoria de poder supremo, incontestado senão incontestável". Alguns académicos norte-americanos falam de uma "mediacracia" e defendem que os media usurparam o papel dos partidos políticos (LINSKY, 1986).

Certamente, como um novo império, os media irão influenciar o futuro. Como é que as novas tecnologias irão expandir e alterar a natureza da "aldeia global"? Quais serão as consequências da crescente exportação de culturas sobre as relações políticas, económicas e culturais entre as nações? As campanhas eleitorais serão cada vez mais subordinadas à lógica do modelo norte-americano, com a crescente presença de consultores de marketing e de imagem como equipamento indispensável na política? O "Dallas" e a "Gabriela", a CNN, os jogos electrónicos, são factores de integração ou de posição?

Não pretendo dar resposta a esta pergunta, muito menos abordá-las. Limito-me a transmitir algumas conclusões de um estudo em progresso sobre a televisão, mais propriamente, sobre a programação televisiva em Portugal.

Com estas palavras, não quero de maneira nenhuma minimizar a importância da televisão, e, por isso, da sua programação. Como escreve Manuel José HOMEM DE MELLO (1994) em relação à televisão: "Nenhum invento, surgido recentemente, se revelou mais significativo, mais avassalador e mais determinante do que a pequena caixa que invadiu as nossas casas e que colocou, a cada instante a actualidade ao alcance de toda a gente".

Em muitos países, esta "caixinha mágica" é o primeiro meio de informação e um importante passatempo. É esse o caso português. Portugal é o país da Europa onde se vê mais televisão: cerca de 4 horas por dia, no verão, e 4 e meia no inverno. Segundo um estudo elaborado pela Associação Europeia de Revistas de Televisão (EMTA) que envolveu oito países europeus (Inglaterra, Bélgica, Portugal, Itália, Espanha, Holanda, Alemanha e Suíça e os Estados Unidos), as crianças portuguesas são quem mais horas passa à frente do televisor, cerca de três horas por dia útil e mais de cinco horas ao fim-de-semana.

Diversos acontecimentos recentes, como actos de violência grave praticados por crianças na Noruega, nos Estados Unidos e em Portugal, trouxeram para a agenda pública a questão da relação entre a televisão e a violência nas sociedades modernas, e, de uma forma mais geral, toda a problemática da influência social da televisão, e dos media. Para alguns agentes sociais, este “news peg” serve para alimentar um mal-estar e iniciar a uma onda de acusações que fazem dos media e dos jornalistas os “bodes-expiatórios duma demagogia que muitas vezes tem como única lógica a defesa de interesses próprios.

Portanto, a programação televisiva tem a sua importância. E, actualmente, o estudo da programação televisiva portuguesa é particularmente interessante. Com a recente e tardia desregulamentação da actividade televisiva, um monopólio de trinta cinco anos chegou ao seu fim. A actividade televisiva em Portugal entrou numa nova era e o futuro está a ser decidido hoje. Penso mesmo que não seria excessivamente dramático afirmar que o que está em causa neste momento, e nos próximos anos, é a própria sobrevivência do modelo dominante na Europa, o modelo de serviço público, ou a hegemonia esmagadora do modelo de televisão norte-americano, a televisão comercial.

Antes de expor as tendências principais da programação televisiva portuguesa com base no meu estudo, queria dizer de uma forma clara que defendo a existência de canais privados mas sou crítico em relação ao modelo escolhido pelo governo social-democrático, a existência de uma televisão pública dependente quase exclusivamente da publicidade, com indemnizações compensatórias para uma série de obrigações específicas de “serviço público” mal definidas.

O meu estudo é um estudo comparativo da programação dos últimos dois anos dos quatro canais de televisão (os dois canais públicos, a RTP - Canal Um e RTP - TV-2, e os dois canais privados, a SIC e o canal de inspiração cristã, ligados a Igreja Católica, a TV-Independente). Examinei uma semana de programação dos quatro canais em intervalos de seis meses desde o início da era de concorrência em Outubro de 1992 com o início das emissões da SIC, ou seja, uma semana de Abril de 1993, de Outubro de 1993, de Abril de 1994 e, por último, de Outubro de 1994.

Uma conclusão: cada vez mais, a televisão portuguesa fala o português, ou talvez fosse mais exacto dizer que está falando mais o português, em voz própria, quando não dobrada nas falas portuguesas. Esta conclusão tem com base duas importantes tendências da programação televisiva portuguesa:

Primeira tendência da nova era televisiva: o reforço do peso da produção nacional. Este reforço deve-se a dois factores: a) uma estabilidade no peso da produção nacional na globalidade da programação televisiva portuguesa; e b) o aumento da programação nacional no horário nobre.

funcionamento da actividade está economicamente dependente da publicidade, uma das suas Leis Básicas é a conquista das audiências. O caso português ilustra também uma outra Lei Básica da actividade televisiva e, em particular, pertinente nesta nova era: a importância das afinidades linguísticas na circulação internacional dos produtos televisivos (DE BENS et al., 1992:89). A terceira Lei Básica - o domínio da função de entretenimento num regime concorrencial da actividade televisiva - merece ampla discussão.

Os programas da Comunidade Europeia

No entanto antes de falar do entretenimento, ainda queria aborrecer o meu público com mais números, de interesse particular no contexto da inserção de Portugal na Comunidade Europeia, da discussão sobre o papel dos media, e, em particular da televisão, na afirmação da(s) cultura(s) europeia(s), e, finalmente, no contexto do desenvolvimento da actual política audiovisual da Comunidade.

Podemos verificar o fraco peso da programação dos países da Comunidade Europeia na televisão portuguesa, sistematicamente na ordem de pouco mais de 10% da programação global. No entanto o seu reforço no horário nobre dos dois últimos períodos (P3 e P4) constitui uma novidade, uma novidade que é o resultado directo da mudança estratégica da programação da empresa pública RTP.

Análise comparativa dos canais

A análise da programação por país de origem ajuda-nos a compreender as diferentes tendências, muitas vezes correspondentes a opções estratégicas ou impostas, existentes na programação dos quatro canais.

Senão vejamos:

1) No Canal Dois da RTP, a queda das produções brasileiras corresponde à recente mudança estratégica de deixar de utilizar este canal como a segunda arma numa batalha total contra os privados e melhor corresponder ao modelo de servir minorias e melhor respeitar uma ideia, porventura caricatural da televisão de serviço público. Houve um aumento das produções nacionais e um peso mais substancial de programas da Comunidade Europeia, num processo de deslocação de programas entre o Canal Dois e a RTP-1, onde a programação brasileira é substituída pela programação norte-americana, que por sua vez é substituída pelos programas da Comunidade Europeia.

2) No Canal Um da RTP, encontramos a queda das produções da Comunidade Europeia e do Brasil, esta última imposta pelo acordo entre a SIC e a TV-Globo. Como resposta, houve o recurso aos programas dos outros países da América Latina. No horário nobre, a RTP-1 luta por manter

o seu lugar de líder de audiências como uma programação a 100% em língua portuguesa, 85.7% de produção nacional e 14.3% de produção brasileira.

3) A opção estratégica da SIC tem sido de aumentar a programação em língua portuguesa. Apesar da oscilação da programação nacional em termos da programação global, o aumento da programação nacional no “prime time” tem sido uma constante ao longo dos dois anos, com uma subida sensível entre o primeiro (P1) e o segundo (P2) períodos de programação, quebrando a barreira dos 50%. Particularmente interessante é a queda da influência da programação norte-americana na programação global (com uma drástica queda de 43.1% no primeiro período (P1) a 19.5% no segundo período), e, sobretudo, verificamos este fenómeno no horário nobre: uma queda de 32% no primeiro período (P1) a somente 7.2% ao fim de dois anos. Em contraste, a programação da SIC é cada vez mais dependente da programação brasileira: 24% na programação global e 31.2% no horário nobre.

4) Esta mudança significativa na composição da programação da SIC segundo o país de origem ao longo destes quatro períodos contrasta com a relativa estagnação da programação da TV-Independente, que, apesar das boas intenções do início de privilegiar a produção nacional, manteve uma dependência em relação à programação estrangeira. É o canal com o mais baixo nível de produção nacional de todos os canais, particularmente notável no horário nobre. Enquanto os outros três canais mantêm um nível de produção nacional superior a 50%, e no caso da RTP-Canal Um sempre superior a 80%, a produção nacional na TV-Independente nunca foi superior a 40%. A presença dos programas norte-americanos e das telenovelas venezuelanas e mexicanas mantem-se, embora exista um processo de substituição dos programas norte-americanos pelas telenovelas e, no horário nobre, pelas produções espanholas nos dois últimos períodos. O retrato de um canal de forte dependência nos programas norte-americanos ocorre sobretudo no segundo período (P2) onde estes programas atingiram 53.3% da programação “prime time”.

Que tipos de programa?

Quarta tendência da programação televisiva portuguesa: o reforço da função de entretenimento. Como podemos verificar com base no Quadro 3, a soma das quatro categorias que DE BENS et al. identificam como função do entretenimento e que apelam de “programas populares”, ou seja, as categorias de filmes, séries, desporto e programas de recreação, não cessa de aumentar: 63.9% no primeiro período (P1), 65.9% no segundo período (P2), 68.4% no terceiro período (P3) e 69.6% no quarto período (P4). O peso dos chamados “programas populares” é ainda mais dominante no horário nobre da televisão portuguesa, e corresponde a 72.7% no último período (ver Quadro 4).

Desta tendência básica da nova era competitiva derivam outros fenômenos interessantes.

Quinta tendência: as telenovelas são agora o gênero dominante na televisão portuguesa. Na última semana analisada neste estudo, houve um total de 76 horas de telenovelas, um aumento de 22 horas. Assim, 17.8% da programação televisiva portuguesa é constituída por telenovelas. Há mais telenovelas do que informação, que constitui 15% de toda a programação, e muito mais do que programas culturais, que constituem somente 8.3%.

Sexta tendência: a crescente presença de concursos. O peso dos concursos subiu continuamente ao longo dos quatro períodos, de 3.9% no primeiro período (P1), 4.1% no segundo (P2), 4.8% no terceiro (P3) a 6.0% no último período (P4). Verifica-se o mesmo fenômeno na programação do horário nobre, com a subida dos concursos de 6.7% no primeiro período (P1), a 7.2% no segundo (P2), 12.3% no terceiro (P3) e 15.7% no último (P4). Assim, mais de um terço da programação televisiva portuguesa nesta última semana analisada é constituído por telenovelas e concursos.

Sétima tendência: o reforço dos programas de entretenimento em geral, no horário nobre. Se em termos da programação global houve oscilações no peso dos programas de recreação e variações na relativa importância dos diversos tipos de programas de recreação, o peso dos programas de recreação não cessa de aumentar no horário nobre, subindo constantemente de 12.3% no primeiro período (P1), a 14.9% no segundo (P2), 24.8% no terceiro e 28.6% no último (P4). Para além do reforço dos concursos, há também desde o segundo período (P2) mais "talk-shows", programas de variedade, e produtos híbridos classificados na subcategoria "outros".

Oitava tendência: a queda dos "sitcoms". O peso dos "sitcoms" desceu na programação global, de 5.0% no primeiro período (P1) a 2.5% no último (P4), e no horário nobre, caindo de 6.4% no primeiro período (P1) a pouco mais de 2% no último período (P4).

Nona tendência: constante flutuação no peso dos programas de "Drama" e Filmes, onde podemos verificar que quando há mais filmes há menos programas de "Drama". No entanto, houve, em função da subida da produção nacional, uma quebra dos dois gêneros no horário nobre do último período (P4). Particularmente interessante é esta secundarização dos filmes: estão cada vez menos presente no horário nobre, certamente devido ao factor língua porque, como iremos ver mais adiante, a esmagadora maioria dos filmes presentes na televisão portuguesa são os filmes norte-americanos. Passaram sobretudo a encher as chamadas horas mortas: as tardes e pós "prime time".

Décima tendência: há mais informação na programação global mas menos no horário nobre. Houve uma subida gradual, de 11.2% no primeiro período (P1), a 11.3% no segundo (P2), 11.4 (P3) e 15% no último período (P4), mas o peso da informação tem descido constantemente desde o segundo período no horário nobre depois de uma subida inicial: 15.7% no primeiro período (P1), 19.8% no segundo (P2), 17.0% no terceiro (P3) e 13.5% na última semana analisada. Com certeza, a natureza da informação

fornecida ao público português mudou substancialmente devido à pluralidade de vozes na nova era da concorrência: hoje é bem mais difícil ignorar certos acontecimentos.

Décima primeira tendência: apesar de oscilações dos programas culturais em termos da programação global, houve um reforço destes programas no horário nobre desde o segundo período e, em particular, no último período, subindo de 5.8% (P4). De novo, a já referida mudança estratégica da empresa pública, a RTP, explica este reforço. O peso dos programas culturais subiu no Segundo Canal da RTP, em termos globais, a 22.9%, e, em termos da programação do horário nobre, de 10% no primeiro período (P1), a 19.6% no segundo (P2), 24.9% no terceiro (P3), e 41.2% na última semana analisada.

Décima segunda tendência: a queda constante da programação infantil na televisão portuguesa, em particular, em termos globais porque não é um tipo de programação importante no horário nobre. Assim, o peso da programação infantil desceu de 12.6% no primeiro período (P1), a 12.3 no segundo (P2), 9.9% no terceiro (P3), e 9.0% no último (P4).

Décima terceira tendência: o surto da produção nacional ainda não conseguiu corrigir o que tem sido historicamente o grande fracasso da televisão portuguesa: a fraca produção de programas nacionais de ficção.

Como podemos verificar no Quadro 5, as produções portuguesas são quase inexistentes no género "Drama" (representam somente 1.6% desta categoria para a soma dos quatro períodos), ocupam um fraco 7.8% das "sitcoms", e chegam a ocupar 14.9% do tempo total ocupado pelas telenovelas. Em relação a esta realidade, o mestre brasileiro Walter Arruda comentou recentemente: "Um país do tamanho de Portugal transmite mais novelas brasileiras que o próprio Brasil. Onde está a preocupação de preservação dos valores culturais portugueses?" A análise dos dados por períodos, identifica outra tendência.

Décima quarta tendência: a produção portuguesa de ficção tem tendência para diminuir globalmente, representando apenas 5.1% dos programas de ficção no quarto período (P4).

As produções norte-americanas dominam, de longe, a categoria dos "dramas" (com 65.4%), seguidas pelas produções da Comunidade Europeia (com 26.4%), aliás a única categoria de programas de ficção onde a presença das produções da Comunidade Europeia é significativa. Mais notório ainda é o domínio das produções norte-americanas na categoria das "sitcoms", representando 76.3% desta categoria; no entanto, é importante assinalar algum progresso nesta categoria por parte das produções portuguesas, aumentando de 3.2% no primeiro período (P1), a 14.3% no segundo (P2), 24.6% no terceiro (P3) e 16% no último (P4).

Quanto às telenovelas, as produções brasileiras representam 50% do tempo ocupado por este género na soma dos quatro períodos, a frente das

• O Público, 19 de fevereiro de 1994.

produções de outros países da América Latina com os seus 34.3%. No entanto, por períodos, a presença destas telenovelas não cessa de aumentar e, hoje em dia em Portugal, são dominantes, à frente das telenovelas brasileiras.

Décima quinta tendência: as produções latino-americanas de ficção são dominantes, à frente das produções norte-americanas. No último período, representam 53.8% dos programas de ficção, enquanto as produções norte-americanas ocupam 31.5%.

Décima sexta tendência: a ausência do cinema português na televisão portuguesa. O cinema português está quase totalmente ausente na televisão portuguesa: representa 1.5% nos filmes que passaram nos quatro meses analisados neste estudo, como podemos ver no Quadro VI. É um exemplo do fracasso da política audiovisual portuguesa, mais especificamente, do novo enquadramento legal que tem como base a nova Lei da Televisão (1990) e a Lei do Audiovisual e do Cinema (1993).

Outro dado bem ilustrativo das falhas do novo enquadramento legal é o número de filmes que passam na televisão portuguesa: em cada um dos quatro períodos sempre superior a 100 filmes.

São os filmes norte-americanos que dominam claramente, representando 64.5% dos filmes, claramente à frente dos filmes ingleses com 12.9%.

As funções da televisão

Os dados deste estudo demonstram claramente que o entretenimento domina a televisão portuguesa nesta nova era da concorrência. Domina claramente na programação dos dois canais privados, a SIC e a TV-Independente, e também no Canal Um da RTP. A única exceção é o Canal Dois da RTP, onde houve uma viragem estratégica importante, sobretudo entre o terceiro e o quarto período, como podemos verificar no Quadro 7.

Décima sétima tendência: a queda do peso da função de entretenimento no Canal Dois da RTP. Em termos de programação global (ver Quadro 7), os programas de entretenimento têm tendência a descer, ocupando pela primeira vez no último período (P4) um peso inferior aos 50%. Esta tendência é particularmente notável em termos da programação do horário nobre, com uma queda vertiginosa, de 80% no primeiro período (P1), a 53.7% no segundo (P2), 53.0% no terceiro (P3) e 29.9% no último. Assim, pensamos que podemos afirmar que o operador público passou de uma estratégia de confrontação total para uma estratégia de confrontação parcial (ACHILLE and MIÈGE, 1994:34).

Também verificamos no Quadro 7 que, em termos de programação global, a função de entretenimento era mais forte na programação do Canal Um do operador de serviço público nos dois primeiros períodos do que nos canais privados. Desde o terceiro período, a SIC lidera mas a programação

do Canal Um da RTP não anda longe em termos de entretenimento e é superior a programação da TV-Independente: os programas de entretenimento ocupam 75.8% da programação da SIC, 70% da programação da RTP-1 e 68.4% da TV-Independente.

É igualmente interessante verificar que o Canal Um do operador de serviço público oferece menos informação que os seus concorrentes do sector privado. Por exemplo, no último período, a informação ocupa 13.3% da programação global da RTP-1, em contraste com os 15.8% da SIC e os 16.5% da TV-Independente. Aliás, o peso da informação não cessa de cair na SIC e sofreu um aumento substancial na programação global da TV-Independente entre o terceiro e quarto período, de 9.2% a 16.5%. O peso da informação é também inferior no primeiro canal do operador de serviço público no horário nobre, representando 11.8% no último período (P4) na RTP-1, em contraste com os 14.1% na SIC e os 12.5% na TV-Independente.

Décima oitava tendência: No que diz respeito à programação do horário nobre, a programação do Canal Um do operador de serviço público lidera todos os outros canais em termos de programas de entretenimento de uma forma constante desde o primeiro período (P1). Os programas de entretenimento ocupam 86.7% da programação “prime time da RTP-1 no último período, mais do que na SIC, com 85.8%, e na TV-Independente, com 82.1% (ver Quadro 8).

Décima nona tendência: os dados do nosso estudo apoiam a tese da teoria da convergência entre a programação do operador público e os operadores privados como o traço fundamental da nova era da concorrência televisiva, ou seja, a concorrência leva a homogeneização de programação televisiva.

No caso português, os ingredientes de programação para o Canal Um da RTP, a SIC e a TV-Independente são essencialmente iguais, com misturas diferentes: telenovelas, programas de recreação e mais desporto no Canal Um da RTP; mais telenovelas, programas de recreação e mais filmes na SIC; e telenovelas, programas de recreação e mais “dramas” na TV-Independente. No “prime-time”, há telenovelas, mais concursos, mais “talk-shows” e mais desporto na RTP-1; na SIC, há outra vez concursos, mais telenovelas e mais programas de recreação da categoria “outros”, tipo Perdoa-me, “Perdoa-me”; e na TV-Independente, há telenovelas, concursos e mais filmes, mais “sitcoms” e muito mais “dramas”.

Vigésima e última tendência: há mais televisão, embora pareça que a televisão portuguesa chegou agora a um ponto de saturação.

Em termos gerais, houve, entre o primeiro e o terceiro períodos, um aumento das horas de transmissão, com uma quebra no último período (ver Quadro 9). Na TV-Independente houve um aumento sensível entre o primeiro e o segundo períodos. Na SIC, o maior aumento em horas de emissão ocorreu entre o segundo e o terceiro períodos. Houve uma relativa estabilidade nas horas de emissão do Canal Um da RTP, com uma queda constante nas horas de emissão da TV-2 desde o primeiro período (P1).

Referências bibliográficas

- ACHILLE, Yves, BERNARD, Miège. (1994). The limits to the adaptation strategies of european public service television. *Media, Culture & Society*, v. 16.
- DE BENS, E. et alii. (1992). Television content: dallasification of culture. In: SIUNE, K., TRUETZSCHLER, W. (eds.). *Dynamics of media politics: broadcast and electronic media in Western Europe*. London: Sage.
- HOMEM DE MELLO, José Manuel. (1994). O sistema televisivo português à beira da ruptura. *Diário de Notícias*, 16 de janeiro de 1994.
- HULTÉN, O., BRANTS, K. (1992). Public service broadcasting: reactions to competition. In: SIUNE, E.K., TRUETZSCHLER, W. (eds.). *Dynamics of media politics: broadcast and electronic media in Western Europe*. London: Sage.
- LINSKY, M. (1986). *Impact: how the press affects federal policymaking*. New York: W.W. Norton, 1986.
- WOODROW, A. (1991). *Informação, manipulação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Com tradução, notas, anexos, recolha de depoimentos e adaptação de José Manuel Barata-Feyo).

Quadro 1 - A programação televisiva portuguesa segundo o país de origem nos quatro períodos: abril, 1993 (P1); outubro, 1993 (P2); abril, 1994 (P3); outubro, 1994 (P4)]

	P1	P2	P3	P4
<i>Produção Nacional</i>	46.1	43.6	41.3	47.0
Interna	34.6	32.6	31.0	33.8
Externa	9.2	10.4	8.8	12.2
Co-produção	2.4	0.6	1.5	0.9
<i>Produção Estrangeira</i>	50.8	55.8	56.0	50.8
CE	11.8	12.8	10.2	10.8
Co-produção CE	0.3	0.5	0.1	1.2
EUA	25.8	23.0	28.8	18.7
Brasil	6.7	8.2	7.9	7.1
Outros: América Latina	3.3	3.4	3.7	8.7
Outros: Europa	0.0	0.0	0.2	0.1
Outros: Co-produção	0.3	2.0	2.1	1.9
Outros	2.6	3.1	2.1	2.5
<i>Não-Identificado</i>	3.0	0.7	3.1	2.0
<i>Incerto</i>	0.0	1.8	0.5	0.0

Quadro 2 - A programação televisiva portuguesa no prime time segundo o país de origem nos quatro períodos: abril, 1993 (P1); outubro, 1993 (P2); abril, 1994 (P3); outubro, 1994 (P4)]

	P1	P2	P3	P4
<i>Produção nacional</i>	46.2	52.9	50.6	57.6
Interna	36.5	37.6	37.3	35.4
Externa	9.7	15.3	13.4	22.2
Co-produção	0.0	0.0	0.0	0.0
<i>Produção Estrangeira</i>	53.4	45.3	49.0	41.2
CE	4.6	4.0	14.3	9.0
Co-produção	0.0	0.0	0.0	0.0
EUA	26.9	24.5	17.9	10.7
Brasil	15.5	16.2	10.9	12.4
Outros: América Latina	2.7	0.4	3.2	4.5
Outros: Europa	0.0	0.1	0.0	0.0
Outros: Co-prod.	0.7	0.5	0.5	2.0
Outros	3.0	0.0	1.8	2.6
<i>Não-Identificado</i>	0.3	1.5	0.7	1.2
<i>Incerto</i>	0.0	0.0	0.0	0.0

Quadro 3 - A programação televisiva portuguesa por géneros dos quatro canais nos quatro períodos: abril, 1993 (P1); outubro, 1993 (P2); abril, 1994 (P3); outubro, 1994 (P4)], em percentagens (%)

Género	P1	P2	P3	P4
Informação	11.2	11.3	11.4	15.0
Desporto	8.9	7.1	8.0	7.7
Filmes	14.2	10.9	13.4	17.0
Séries	27.1	31.2	31.2	29.9
Telenovela	13.2	13.3	12.4	17.8
“Sitcom”	5.0	4.3	5.1	2.5
Drama	9.0	13.3	13.3	9.1
“Reality”	0.1	0.4	0.4	0.4
Infantil	12.6	12.3	9.9	9.0
Recreação	13.7	16.7	15.8	15.0
Concurso	3.9	4.1	4.8	6.0
“Talk show”	2.0	5.5	3.0	1.8
Magazine	1.9	3.9	3.7	3.0
Variedade	1.9	1.2	0.6	1.6
Erótico	0.5	0.6	0.4	0.2
Outro	0.5	1.5	2.9	1.9
Cultural	7.2	7.5	9.0	8.3
Teletexto	3.2	0.8	0.8	0.7
Outro	2.0	2.3	0.3	1.3

Quadro 4 - A programação televisiva portuguesa por géneros do horário nobre dos quatro canais nos quatro períodos: abril, 1993 (P1); outubro, 1993 (P2); abril, 1994 (P3); outubro, 1994 (P4)], em percentagens

Género	P1	P2	P3	P4
Informação	15.7	19.8	17.0	13.5
Desporto	13.2	8.0	6.9	8.5
Filmes	13.4	10.9	11.2	7.4
Séries	38.6	35.6	30.6	28.2
Telenovela	20.0	18.0	15.1	19.0
"Sitcom"	6.4	5.1	1.4	2.3
Drama	11.9	11.3	12.1	7.0
"Reality"	0.3	0.8	1.4	0.0
Infantil	2.2	4.4	2.4	2.6
Recreação	12.3	14.9	24.8	28.6
Concurso	6.7	7.2	12.3	15.7
"Talk show"	1.5	1.6	2.2	3.5
Magazine	0.0	1.0	0.0	0.2
Variedade	3.1	2.1	2.2	3.6
Erótico	0.7	0.0	0.0	0.0
Outro	0.3	3.0	6.9	5.3
Cultural	4.2	4.7	5.8	10.4
Teletexto	0.0	0.0	0.0	0.0
Outro	0.4	1.6	0.8	1,0

Quadro 5 - A ficção na televisão portuguesa por país de origem e por género

	P1	P2	P3	P4	Total
Telenovela					
Portugal	16.8	7.7	5.4	3.8	7.8
Brasil	46.6	58.6	59.3	39.4	50.4
Outros: AL	25.1	24.5	29.8	50.4	34.3
EUA	11.5	5.4	0.0	6.4	5.8
Com. Eur.	0.0	0.0	1.7	0.0	0.4
Outros	0.0	3.8	4.0	0.0	1.8
"Sitcoms"					
Portugal	3.2	14.3	24.6	16.0	14.9
Brasil	2.5	0.0	5.6	0.0	2.5
Outros: AL	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
EUA	81.6	74.3	69.8	84.0	76.3
Com. Eur.	10.0	8.5	0.0	0.0	4.8
"Dramas"					
Portugal	0.0	1.8	0.9	4.7	1.6
Brasil	2.8	8.0	0.0	0.0	2.7
Outros: AL	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
EUA	61.6	54.7	75.5	66.8	65.4
Com. Eur.	25.2	32.2	22.2	25.9	26.4
Outros	10.5	3.3	1.4	2.6	3.9
Total					
Portugal	8.8	6.2	6.7	5.1	-
Brasil	24.1	29.6	24.7	23.6	-
Outros: AL	12.2	11.0	11.9	30.2	-
EUA	40.8	35.3	44.3	31.5	-
Com. Eur.	10.2	14.3	10.3	8.0	-
Outros	4.0	3.5	2.2	0.8	-

Quadro 6 - O cinema na televisão portuguesa (em percentagens)

País	P1	P2	P3	P4	Total
Portugal	0.7	0.0	1.4	3.4	1.5
EUA	67.4	65.5	68.3	57.4	64.5
Alemanha	0.0	0.0	2.1	1.4	0.9
Espanha	0.0	0.0	0.7	0.0	0.2
França	5.3	8.8	4.9	3.4	5.4
Itália	0.0	2.7	0.7	3.4	1.7
Grã-Bretanha	16.7	8.0	9.2	16.9	12.9
Co-prod. Eur.	4.5	2.7	4.2	6.1	4.5
Co-prod. Outr.	1.5	1.8	3.5	4.1	2.8
Outros	3.8	1.8	4.9	4.1	3.7
Número total de filmes	132	113	142	148	535

Quadro 7 - O peso da função do entretenimento na televisão portuguesa por canal e por período (em percentagens)

Canal/ Periódico	RTP-1	RTP-TV2	Total RTP	SIC	TV-1
P(1)	71.0	56.5	64.0	63.0	65.0
P(2)	68.9	58.7	64.3	68.2	68.2
P(3)	74.2	52.1	64.5	75.0	70.3
P(4)	70.0	47.1	59.9	75.5	68.4

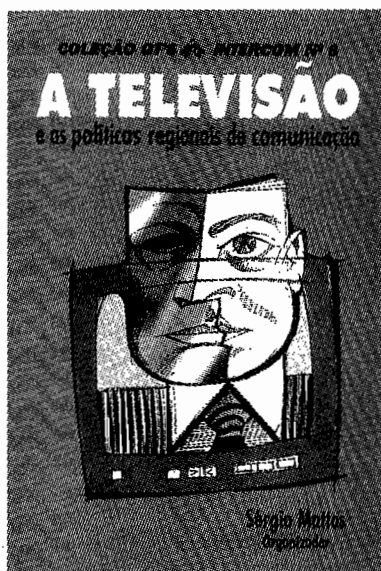
Quadro 8 - O peso do entretenimento na programação "prime time" da televisão portuguesa por canal e por período (em percentagens)

Canal/ Periódico	RTP-1	RTP-TV2	Total RTP	SIC	TV-1
P(1)	86.0	80.0	81.5	77.0	69.2
P(2)	77.6	53.7	66.1	69.0	76.5
P(3)	83.7	53.0	68.6	69.3	86.6
P(4)	86.7	29.9	57.3	85.8	82.1

Quadro 9 - O peso de emissão nos quatro canais nos quatro períodos (em minutos)

Canal/ Periódico	RTP-1	RTP-TV2	Total RTP	SIC	TV-1
P(1)	7335	7074	4243	4008	22660
P(2)	7130	6446	4651	5650	23877
P(3)	7668	6012	6171	6226	26077
P(4)	7542	5887	6154	6125	25708

Entenda melhor a presença da TV na sociedade contemporânea



A Televisão e as Políticas Regionais de Comunicação reúne sete trabalhos apresentados no GT "Televisão" durante o XIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (Londrina, PR) e integra o volume 6 da Coleção GT's da Intercom.

Apesar de independentes, todos eles estão interligados pelos enfoques temáticos da legislação, regionalização e produção da televisão.

Uma obra indispensável para entender melhor a imagem e influência da TV no Brasil e demais países do Mercosul.

Preço por exemplar: R\$ 10,00

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, nº 443 - Bloco "A" - Sala 01 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP